

## VOCATIVOS E O TRAÇO “BASICAMENTE ORIENTADOR DA INTERAÇÃO” NA GRAMÁTICA TEXTUAL-INTERATIVA

Eduardo Penhavel

Universidade Estadual Paulista  
eduardopenhavel@yahoo.com.br

Alessandra Regina Guerra

Universidade Estadual Paulista  
alessandrareginaguerra@yahoo.com.br

**RESUMO:** Na Gramática Textual-interativa, a classe dos Marcadores Discursivos é definida por meio da combinação de um conjunto específico de traços linguísticos. Um deles, que diz respeito à função interacional dos Marcadores, é o denominado “basicamente orientador da interação”. Como mostrado por outros autores, esse traço manifesta-se no caso de expressões que desempenham as funções de Checagem, Retroalimentação, Injunção ou Iniciação. Neste trabalho, procuramos mostrar que o referido traço está presente, também, nos elementos linguísticos com função de Vocativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Vocativos; Marcadores Discursivos; Interação Verbal.

**ABSTRACT:** Within Textual-interactive Grammar, discourse markers are defined through a particular combination of linguistic features. One of them concerns the interactive role of discourse markers, and it is called “basic orientation of interaction”. As other authors have shown, this feature applies to expressions that play the following functions: Checking, Feedback, Injunction or Initiation. In this paper, we try to demonstrate that the feature under consideration also applies to Vocatives.

**KEYWORDS:** Vocatives; Discourse Markers; Verbal Interaction.

## Introdução

Em alguns trabalhos anteriores (PENHAVAL & GUERRA, 2011a, 2011b, 2012), temos discutido alguns aspectos particulares da conceituação de Marca-dores Discursivos (MDs) formulada no âmbito da Gramática Textual-interativa (JUBRAN & KOCH, 2006). O objetivo geral desses trabalhos tem sido propor reajustes e especificações na caracterização desses elementos, procurando, assim, torná-la cada vez mais precisa e aprofundada. No presente trabalho, dedicamo-nos a esse mesmo objetivo geral.

Na Gramática Textual-interativa, a classe dos MDs é definida mediante a combinação de traços linguísticos referentes a nove parâmetros de análise. Um desses parâmetros (ou variáveis) diz respeito à função que as expressões linguísticas desempenham em termos de orientação do processo de interação verbal. Trata-se do parâmetro denominado de “orientação da interação”. Essa variável compreende os traços “basicamente orientador”, “secundariamente orientador” e “fragilmente orientador”. A presente discussão circunscreve-se ao primeiro desses três traços.

Com base nos trabalhos desenvolvidos por Risso, Silva & Urbano (2002, 2006) e Urbano (1999, 2006), pode-se dizer que as expressões linguísticas que manifestam esse traço são aquelas que desempenham as funções de Checagem (como a expressão “né?”), de Retroalimentação (como “ahn ahn”), de Injunção (por exemplo, “Olha”) e de Iniciação (como “Ah”). A esse respeito, o objetivo específico do presente trabalho é mostrar que os elementos linguísticos pertencentes à classe dos Vocativos também podem ser analisados como apresentando o traço “basicamente orientador”. Ou seja, aqui procuramos especificar o que significa esse traço caracterizador de MDs, mostrando que ele se manifesta não apenas no caso de expressões com função de Checagem, Retroalimentação, Injunção ou Iniciação, mas também no caso de expressões com função de Vocativo.

Tendo em vista tal objetivo, este trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: na seção 1, apresentamos uma síntese da conceituação de MDs da Gramática Textual-interativa; na seção 2, discorreremos sobre a variável “orientação da interação” e, em particular, sobre o traço “basicamente orientador”; na seção 3, procuramos, então, mostrar que a classe dos Vocativos também pode ser analisada como apresentando esse traço; finalmente, apresentamos as considerações finais.

## 1. Marcadores Discursivos na Gramática Textual-iterativa.

Penhavel (2010) mostra que, no atual cenário dos estudos linguísticos, podem ser distinguidos três tipos gerais de abordagens de MDs. O primeiro tipo compreende abordagens que tomam como MDs expressões afixadas a um enunciado matriz, que têm função de conexão e que se referem a um aspecto desse enunciado. Aí se incluem, por exemplo, trabalhos como o de Fraser (2006). O exemplo em (1) abaixo ilustra um item considerado como MD por uma abordagem desse tipo.

- (1) Donna left late. *However*, she arrived on time (FRASER, 2006, p. 190).

[Donna saiu tarde. Porém, chegou a tempo.]

A segunda modalidade de abordagem compreende aquelas que analisam como MDs expressões constituindo um enunciado completo, com função de gerenciamento da conversação e que se referem a domínios de organização discursiva. Um representante típico dessa modalidade é o trabalho de Fischer (2006). O item destacado no exemplo em (2) representa um MD para uma abordagem dessa modalidade.

- (2) *okay* Danny, now that this meeting’s over, we need to schedule another one so we continue, to get our work done on this project (FISCHER, 2006, p. 434).

[okay Danny, agora que essa reunião terminou, nós precisamos agendar outra e assim continuamos, para terminar nosso trabalho nesse projeto]

Finalmente, o terceiro tipo de abordagem abarca aquelas que consideram como MDs expressões dos dois tipos anteriores, isto é, tanto expressões de natureza conectiva, quanto expressões fundamentalmente ligadas ao gerenciamento da conversação. Essa modalidade inclui, por exemplo, a abordagem de Schiffrin (1987) e a da Gramática Textual-iterativa, aqui em foco.

A Gramática Textual-iterativa, uma vertente da Linguística Textual, constitui um quadro teórico-metodológico que assume o texto como objeto de estudo, focalizando, em particular, os chamados “processos de construção textual”. Trata-se, essencialmente, dos processos de Organização Tópica, Referenciação, Parentetização, Parafraseamento, Correção e Repetição. Nesse contexto, são, então, estudados os MDs, os quais são entendidos como uma classe formada

principalmente por certas expressões linguísticas que atuam na articulação ou no gerenciamento interacional desses processos de construção textual.

Especificamente, Risso, Silva & Urbano (2002, 2006) definem os MDs, conforme adiantado acima, mediante a combinação de traços referentes a nove parâmetros de análise, ou variáveis, conforme descrito em (3).<sup>1</sup>

- (3) Variáveis e traços definidores de MDs:
  - (i) Variável: articulação de segmentos do discurso:  
Traços: sequenciador tópico; sequenciador frasal; não-sequenciador;
  - (ii) Variável: orientação da interação:  
Traços: basicamente orientador; secundariamente orientador; fragilmente orientador;
  - (iii) Variável: relação sintática com a estrutura oracional:  
Traços: sintaticamente independente; sintaticamente dependente;
  - (iv) Variável: relação com o conteúdo proposicional:  
Traços: exterior ao conteúdo; não-exterior ao conteúdo; não se aplica;
  - (v) Variável: autonomia comunicativa:  
Traços: comunicativamente autônomo; comunicativamente não-autônomo;
  - (vi) Variável: demarcação prosódica:  
Traços: com pauta demarcativa; sem pauta demarcativa;
  - (vii) Variável: padrão de recorrência:  
Traços: baixa frequência; média frequência; alta frequência;
  - (viii) Variável: transparência semântica:  
Traços: totalmente transparente; parcialmente transparente; opaco; não se aplica;

---

1 Neste trabalho, não incluímos, na definição de MDs, o parâmetro “Apresentação formal” e seus traços “forma única” e “forma variante”, por considerarmos, conforme defendemos em Penhavel & Guerra (2011a), que esses traços não são relevantes em termos definicionais.

- (ix) Variável: massa fônica:  
Traços: até três sílabas tônicas; além de três sílabas tônicas;

Os autores concebem os MDs como uma classe gradiente, isto é, uma classe composta por elementos prototípicos e elementos não-prototípicos. Nesse sentido, MDs prototípicos são definidos como expressões que manifestam a combinação de traços apresentada abaixo em (4), enquanto MDs não-prototípicos são definidos como expressões que manifestam essa combinação com algum desvio, o qual, de modo geral, não ultrapassa dois traços e não afeta o chamado “núcleo piloto”, conjunto formado pelos traços referentes às cinco primeiras variáveis, considerados como os traços principais.

- (4) - sequenciador tópico + secundariamente ou fragilmente orientador da interação; ou não-sequenciador + basicamente orientador;  
- sintaticamente independente;  
- exterior ao conteúdo;  
- comunicativamente não-autônomo;  
- com pauta demarcativa;  
- alta frequência;  
- parcialmente transparente;  
- até três sílabas tônicas.

São distinguidos dois tipos principais de MDs, os “MDs basicamente sequenciadores” (que apresentam o traço “sequenciador tópico”) e os “MDs basicamente interacionais” (que apresentam o traço “basicamente orientador”). A ocorrência destacada do item “então”, em (5), ilustra o primeiro desses tipos de MDs, e as ocorrências de “não é?” e “ahn ahn”, em (6), ilustram o segundo tipo.

- (5) mas acho válido você botar a criança o mais cedo possível na escola ... esse problema de puxar pela criança -- “Ah ... não deve puxar pela criança” -- eu acho que isso não funciona muito ... porque a criança vai a maternal somente pra brincar ... ser educada ... aprender a fazer coisas que em casa a mãe às vezes ... não tem condições de ensinar -- como eu ... eu não tinha condições de ensinar muita coisa a ela ... porque eu m/ passo o dia inteiro na rua trabalhando -- então ... ela na escola aprendeu muita coisa que eu não tive condições de ensinar a ela: ... aprendeu a comer não é ... sozinha porque eu ainda dava comida na boca ... aprendeu a fazer xixi dela no

sanitário ... que ela não fazia ... fazia na fralda ... *então* ... eu acho válido botar a criança o mais cedo possível na escola (RISSO, 2006, p. 460).

(6) A: agora em dois dias da semana ... eu levo à faculdade também ...  
*não é?*

B: [ *ahn ahn*

A: e:: depois volto para casa (URBANO, 2006, p. 500).

De acordo com a abordagem textual-interativa, a ocorrência destacada de *então*, em (5), manifesta o traço “sequenciador tópico”, já que contribui para indicar que o enunciado seguinte constitui o fechamento da unidade tópica representada pelo excerto todo transcrito no exemplo. Já as expressões “não é?” e “ahn ahn”, em (6), focalizam o processo de orientação da interação, constituindo, então, exemplos de expressões com o traço “basicamente orientador”, que passamos a discutir na seção seguinte.

## 2. A variável orientação da interação e o traço “basicamente orientador”.

Risso, Silva & Urbano (2006) consideram que qualquer expressão linguística cumpre sempre uma função orientadora da interação – função capturada pela variável “orientação da interação”, indicada em (3-ii) acima. Segundo os autores, o direcionamento interpessoal normalmente se estabelece numa configuração não-discreta, revelando-se como um fenômeno graduável. Assim, uma expressão pode ter a função de ser basicamente, secundariamente ou fragilmente orientadora da interação (o que corresponde, respectivamente, aos três traços da variável em foco: “basicamente orientador”, “secundariamente orientador”, “fragilmente orientador”).<sup>2</sup>

Risso, Silva & Urbano (2006) consideram que uma unidade é basicamente orientadora quando há uma nítida orientação por parte do falante em direção

2 A título de esclarecimento sobre a relação entre “traço” e “função”, convém explicar que uma noção, por exemplo, como “basicamente orientador” (em outros termos, “orientação básica da interação”) constitui uma *função* de uma expressão linguística. Quando se fala do *traço* “basicamente orientador”, quer-se dizer que um traço (isto é, um aspecto, uma característica) de uma expressão é *ter a função* de basicamente orientador. Assim, pode-se dizer, por exemplo, que uma expressão manifesta *traços* como: ser sintaticamente independente, ser exterior ao conteúdo proposicional, ter a função de orientação básica da interação etc.

ao ouvinte, ou deste em direção ao falante, através, por exemplo, da busca de uma aprovação discursiva (como em determinados usos de “certo?” e “entende?”) ou através da manifestação de um acompanhamento atencioso da fala do outro (como em certas ocorrências de “uhn uhn”). Aí se incluem também unidades que, embora possam corresponder a automonitoramentos, sinalizam formalmente um envolvimento interpessoal (como “digamos”).

Já o traço “secundariamente orientador” manifesta-se quando uma unidade linguística sinaliza opinião ou orientação argumentativa do falante. Esse traço aplica-se também a processos de manifestação pessoal, em que o falante verbaliza avaliações subjetivas a propósito das significações proposicionais (como no uso do verbo “acho”) ou envolve, indiretamente, seu interlocutor (como no uso do item “bom”). Finalmente, como explicam os autores, quando a interação se define apenas em função da própria natureza do evento conversacional, que, segundo eles, corresponde sempre à realização de uma tarefa comum, com envolvimento recíproco dos interlocutores, a orientação interacional é considerada frágil.

Urbano (2006) distingue cinco subfunções da função “basicamente orientador”, função que nos interessa neste trabalho, como mencionado acima. Essas subfunções são apresentadas abaixo em (7).

(7) Subfunções basicamente orientadoras segundo Urbano (2006):

- i) fático de natureza ou entonação interrogativa, produzido após enunciado declarativo. São formas produzidas pelo falante após uma declaração também produzida por ele, como “né?”, “certo?”;
- ii) feedback: São formas como “uhn uhn”, “certo”, produzidas pelo ouvinte e usadas normalmente em duas situações: 1) isoladamente, retroalimentando o falante e mantendo-o no seu papel discursivo; 2) no início do turno do ouvinte, possibilitando a este assumir o papel de falante;
- iii) fático de natureza imperativa e entonação exclamativa. São formas produzidas pelo falante corrente, mas orientadas diretamente para o ouvinte: “Olha!”, “Veja!”;
- iv) início de respostas formais ou de comentários. São formas produzidas pelo interlocutor, ao tomar o turno, em respostas, ou

como comentário a perguntas ou a comentário do falante anterior, como um “Ah”, de natureza exclamativa;

- v) fático de natureza e entonação interrogativa, produzido após enunciado interrogativo. São formas produzidas pelo falante após uma pergunta (retórica ou não) também produzida por ele, como “hein?”.

Conforme discutimos em Penhavel & Guerra (2011b), a subfunção em (7v) não precisaria, e nem mesmo poderia, ser distinguida como uma subfunção particular. A nosso ver, o tipo de fático apontado em (7v), quando usado após enunciado interrogativo *retórico*, teria função equivalente ao tipo de fático distinguido em (7i). Já quando usado após enunciado interrogativo *não-retórico*, o fático em (7v) não teria função de basicamente orientador da interação, pois seria um item que incidiria sobre o conteúdo do texto, e não sobre a dinâmica interacional. Dessa forma, das subfunções distinguidas por Urbano (2006), aquelas apontadas em (7i-iv) acima é que representariam possíveis especificações da função “basicamente orientador”. Essas quatro subfunções podem ser denominadas, respectivamente, de (i) Checagem, (ii) Retroalimentação (ou *Feedback*), (iii) Injunção e (iv) Iniciação. Trata-se de quatro situações em que uma expressão linguística pode ser analisada como apresentando o traço “basicamente orientador”.

Com base no que explicam Risso, Silva & Urbano (2006) e com base na tipologia de subfunções esboçada por Urbano (2006), consideramos que a função “basicamente orientador [da interação]” pode ser entendida como a *tarefa de troca de atos discursivos dedicados à obtenção e/ou à manifestação do envolvimento dos interlocutores com o ato de interação verbal*. Para nós, essa seria a função geral comum às quatro subfunções específicas destacadas acima.

A esse respeito, considere-se a subfunção de Checagem. Essa subfunção verifica-se quando o falante “pergunta” ao ouvinte se este entendeu, ou se concorda com, determinado segmento do discurso antecedente, porém pressupondo tal entendimento/concordância, de modo que ele (falante) fique autorizado diante do ouvinte a dar prosseguimento ao discurso. Aqui, os aspectos mais importantes da Checagem são a sua natureza retórica, no sentido de que ela constitui uma “pergunta” que pressupõe ausência de resposta, e o fato de que esse tipo de “pergunta” não incide sobre o conteúdo do texto, mas sobre a dinâmica da interação, visando à obtenção da autorização do ouvinte para o prosseguimento do texto.



Algumas das expressões linguísticas que podem assumir a subfunção de Checagem seriam: “ahn?”, “hem?”, “uhm?”, “certo?”, “entende?”, “entendeu?”, “não?”, “não é?”, “não é verdade?”, “né?”, “ok?”, “sabe?”, “tá?”, “tá certo?”, “tá claro?”, “viu?”.

Nos exemplos em (8) e (9) abaixo, os itens destacados exercem a subfunção de Checagem.

(8) Doc.: e como que cê conheceu ela?

Inf.: ah num:: barzinho numa boate *né?* nos conhecemo(s) com o tempo peguei o telefone dela a gente::... começamo(s) a entrá(r) em contato de um tempo... pra lá a gente começô(u) a saí(r) freqüentemente... (IBORUNA: AC-029; NE: L.14-17).

(9) Inf.: nós nos conhecemos na igre::ja ((risos)) num/ numa reunião de igreja que a gente ia tal... conhecemos começamo(s) a namorá(r) namorá(r)... e *sabe?* foi ficando aquele negócio for::te aquela coisa... for::te forte forte e eu muito obs/ obcecada por ele nossa eu era mui::to *sabe?*... muito obcecada por ele MESmo... e ele aquela pessoa::... ele é muito... ![farren::to *sabe?*] ![Doc.: ((risos))] ele gosta muito de saí::(r) e tal (IBORUNA: AC-022; NE: L.7-12).<sup>3</sup>

Em (8), é evidente a natureza retórica do item “né?”, na medida em que o Informante enuncia o item e não cede o turno para uma resposta do Documentador. Pelo contexto, é possível perceber também que o item não se refere ao conteúdo do texto. A expressão “né?” escopa o segmento “num:: barzinho numa boate”, produzido pelo Informante como resposta a uma pergunta do Documentador sobre como o Informante teria conhecido uma terceira pessoa. Como se trata de uma informação requerida pelo Documentador e fornecida pelo Informante, parece muito pouco provável que este estivesse usando o item “né?” (aqui entendido como redução de “não é verdade?”) para perguntar àquele sobre a veracidade da informação fornecida, porque aquele participante não teria esse conhecimento; ao contrário, tal informação seria justamente o que ele (Documentador) estaria solicitando. A nosso ver, o Informante usa a expressão “né?” para “perguntar” (pressupondo posicionamento afirmativo) se o Documentador entenderia (ou poderia imaginar) a situação de alguém

3 Exemplos extraídos do Banco de Dados IBORUNA (GONÇALVES, 2007), disponível em [www.iboruna.ibilce.unesp.br](http://www.iboruna.ibilce.unesp.br).

conhecer outra pessoa em um bar/boate, de modo que ele (Informante) possa dar prosseguimento a seu discurso.

Similarmente, em (9), o Informante usa a expressão “sabe?” sem ceder, em seguida, o turno ao interlocutor (no caso, o Documentador), o qual, por sua vez, também não manifesta tentativa de tomada de turno, demonstrando ter interpretado a expressão do Informante como uma pergunta apenas retórica. Na sua terceira ocorrência, por exemplo, a função de “sabe?” não seria perguntar ao Documentador se este sabe que o indivíduo descrito pelo Informante é “farrento”, mas seria “perguntar” se o Documentador entende o que seria um indivíduo “farrento”, de modo que ele (Informante) possa prosseguir seu discurso, com a garantia de que seu interlocutor o esteja acompanhando. Ou seja, trata-se de uma pergunta sobre a dinâmica da interação verbal.

Como pode ser visto, a subfunção de Checagem, de fato, particulariza a função mais geral “basicamente orientador”. Como mencionado, esta função geral compreende *a obtenção e/ou a manifestação do envolvimento dos interlocutores com o ato de interação verbal*. Nesse sentido, a Checagem liga-se, mais especificamente, à *obtenção*, por parte do falante, *da aprovação do ouvinte para o prosseguimento do discurso*. De modo similar, as subfunções de Retroalimentação, Injunção e Iniciação também apresentam tal função geral, cada uma particularizando-a de uma forma específica.

A subfunção de Retroalimentação pode ser entendida como diretamente complementar à subfunção de Checagem. A Retroalimentação consiste, justamente, no fornecimento, por parte do ouvinte, de expressões que *manifestam o seu envolvimento com o ato de interação verbal*; em outras palavras, são expressões destinadas a indicar que o ouvinte está acompanhando o discurso, de modo que o falante possa dar prosseguimento à interação. Assim como as expressões de Checagem, os Feedbacks não incidem sobre o conteúdo informacional do texto, mas sobre a dinâmica da interação. Comparem-se as ocorrências hipotéticas da expressão “ahn ahn” em (10) e (11).

(10) A: Você viu o José hoje?

B: Ahn ahn

(11) A: O Pedro ... é um profissional muito competente

[  
B: Ahn ahn

Em (10) o item “ahn ahn” é uma resposta efetiva do interlocutor B à pergunta formulada pelo interlocutor A. Nesse caso, o item não funciona como um Feedback. Já em (11), ao contrário, a expressão em pauta não poderia ser uma resposta a uma pergunta, visto que não há uma pergunta anterior e visto que o interlocutor A nem mesmo chegou a completar seu enunciado quando B pronuncia a expressão “ahn ahn”. Na verdade, o item manifesta o que é descrito por Risso, Silva & Urbano como um “acompanhamento atencioso da fala do outro”. Nesse caso, portanto, a expressão “ahn ahn” funciona como um ato de Retroalimentação. Outras expressões que também podem assumir essa subfunção seriam “ahn”, “certo”, “sei”, “uhn”, “uhn uhn” etc.

Os atos discursivos de Injunção, por sua vez, constituem expressões que têm a forma de enunciados imperativos (apenas a forma, não a função) e que são usadas normalmente em início de turno, muitas vezes em início de respostas. Trata-se de formas como “olha”, “olhe”, “veja”, “veja bem”, dentre outras. O item destacado em (12) ilustra uma ocorrência de um Injuntivo.

(12) A: não gosta de jogo ( )?

B: *olha* eu GOSTo de jogo de carta ... né? (URBANO, 2006, p. 522-523).

Conforme observa Urbano (2006), esse tipo de elemento exerce a função de pedir a atenção do ouvinte para o que será dito, isto é, a função de propor uma atitude atenciosa. E, generalizando o que diz Risso (2006) sobre o item “olha”, pode-se afirmar também que os Injuntivos constituem segmentos prefaciadores, proferidos pelo locutor como formas preparatórias de declarações seguintes. Dessa forma, a nosso ver, a subfunção de Injunção está ligada à *obtenção do envolvimento do ouvinte*, já que pede a atenção deste, e, ao mesmo tempo, está ligada à *manifestação do próprio envolvimento do falante*, uma vez que o ato Injuntivo anuncia que o falante vai dizer algo e dar, assim, prosseguimento à interação.

Finalmente, a subfunção de Iniciação envolve, principalmente, certas ocorrências da expressão “ah” usada, em geral, em início de turno. O exemplo em (13) ilustra esse tipo de ocorrência.

(13) A: eu não conheço professor que ensine em apenas um lugar ...  
já começa por aí certo?

B: *ah* ... mas eu ensino em dois lugares por quê? o dinheiro que eu ganho num só não dá ... mas eu por mim estaria só na escola (RISSO, 2006, p. 484).

Risso (2006) observa que esse tipo de uso do item “ah”, assim como expressões como “olha”, representa um mecanismo prefaciador, preparador de declarações subsequentes. Para a autora, do ponto de vista pragmático-interacional, esse tipo de procedimento define uma *predisposição favorável* ao lance enunciativo envolvido no turno precedente e, portanto, uma *atitude responsiva ativa do interlocutor*, para cooperar com o parceiro. Nesse sentido, a subfunção de Iniciação, com efeito, estaria filiada à função geral “basicamente orientador”, representando, especificamente, a *manifestação do envolvimento do falante* com a dinâmica interativa.<sup>4</sup>

Em síntese, nesta seção procuramos caracterizar a função “basicamente orientador”, assumindo-a como a tarefa de *obtenção e/ou manifestação do envolvimento dos interlocutores com o ato de interação verbal*, e procuramos explicar que essa é a função básica das subfunções mais específicas de Checagem, Retroalimentação, Injunção e Iniciação. O ponto central deste trabalho é mostrar, então, que essa função geral é o que está na base também do papel interacional das expressões pertencentes à classe dos Vocativos, os quais representam mais uma subfunção basicamente orientadora da interação. Na seção seguinte, discutimos essa questão.

### 3. O estatuto basicamente orientador dos vocativos.

Vocativos são elementos linguísticos como os destacados em (14), (15) e (16).

(14) *Hei*, qual o seu nome?

(15) A reunião, *Pedro*, foi um fracasso.

(16) Tome cuidado, *caro amigo*.

4 Convém ressaltar que, segundo nossa visão, o item “ah”, no tipo de uso em foco, tem um papel interacional muito similar ao dos itens “bom” e “bem” usados em início de turno, como em “Interlocutor A: O que você acha do José? / Interlocutor B: Bom/Bem, ele me parece um pouco chato”. No entanto, nesse tipo de uso, “bom” e “bem” são vistos por Risso, Silva & Urbano (2006) como manifestando a função “secundariamente orientador [da interação]”, não a função “basicamente orientador”. Assim, a nosso ver, um ponto relevante a ser analisado seria verificar se realmente os itens “ah”, “bom” e “bem” apresentariam um mesmo grau de orientação da interação e, em caso afirmativo, discutir se “bom” e “bem” deveriam ser incluídos, juntamente com “ah”, na classe dos itens com a subfunção de Iniciação (subfunção basicamente orientadora) ou se o item “ah” é que deveria ser analisado, a exemplo de “bom” e “bem”, como secundariamente orientador (e, neste caso, possivelmente a subfunção de Iniciação não seria mais incluída na tipologia das subfunções basicamente orientadoras da interação).

Os Vocativos constituem uma classe tradicionalmente reconhecida nos estudos linguísticos. Sob um ponto de vista gramatical, diferentes autores variam entre tratar os Vocativos como termos acessórios ou como termos isolados em relação à estrutura sintática da oração ou ainda entre tratá-los como elementos definíveis em relação à oração ou como enunciados próprios. As abordagens diversificam-se também quanto à perspectiva de análise, sendo os Vocativos estudados não só em termos gramaticais, mas também sob pontos de vista discursivos, enunciativos, conversacionais etc.

Particularmente em termos gramaticais, consideramos que uma das análises mais apropriadas é a oferecida por Hengeveld & Mackenzie (2008), no âmbito da Gramática Discursivo-Funcional. Os autores tratam os Vocativos como uma classe particular de Atos Discursivos. Os Atos Discursivos são entendidos pelos autores como as menores unidades identificáveis de comportamento comunicativo. Ou seja, um Ato Discursivo é um segmento textual que apresenta uma, e apenas uma, força ilocucionária. Tipos de Atos Discursivos são, por exemplo, Atos Declarativos, Atos Interrogativos, Atos Imperativos, Atos Expressivos etc.<sup>5</sup> Assim, quando se diz que uma expressão linguística é um Vocativo, está sendo feito o mesmo tipo de análise que se faz ao dizer que um segmento constitui um Ato Declarativo, Interrogativo, Imperativo etc. Em outras palavras, recorrendo a termos mais comuns e generalizados dos estudos linguísticos, pode-se dizer que um Vocativo constitui, em si, um enunciado próprio, não sendo apenas uma parte ou um constituinte de um enunciado. Essa é a caracterização gramatical básica dos Vocativos que assumimos ao longo deste trabalho.

De qualquer forma, independentemente da abordagem adotada, seja gramatical, seja de qualquer outra natureza, um conceito pacífico entre os mais diversos autores (ou, pelo menos, entre a grande maioria deles) é o de considerar Vocativos como elementos linguísticos que têm a função, ou a intenção comunicativa, de *chamar o interlocutor* (no sentido de *invocar, interpelar*). Essa parece ser a propriedade central caracterizadora dos Vocativos – e é a propriedade que mais nos interessa aqui.

Bechara (2009, p. 460) define a classe dos Vocativos da seguinte forma: “Desligado da estrutura argumental da oração e desta separado por curva de entonação exclamativa, o vocativo cumpre uma função apelativa de 2.<sup>a</sup> pessoa, pois, por seu intermédio, *chamamos ou pomos em evidência a pessoa ou coisa a que nos dirigimos*” (grifos nossos). O exemplo em (17) destaca um Vocativo segundo o autor.

---

5 Para uma tipologia completa de Atos Discursivos, ver Hengeveld & Mackenzie (2008).

(17) *José*, vem cá! (BECHARA, 2009, p. 460).

Kury (1991, p. 61) caracteriza o Vocativo como um termo à parte tanto do sujeito quanto do predicado, “com que se interpela o ouvinte”, ilustrando esse tipo de elemento com a citação em (18).

(18) *Meninos*, eu vi! (KURY, 1991, p. 61).

Em Mesquita (2009, p. 426), encontra-se a seguinte definição: “termo independente da oração, pois não se prende ao sujeito nem ao predicado, servindo apenas para *interpelar ou chamar aquele com quem se fala*” (grifos nossos). Um dos exemplos ilustrativos dados pelo autor é a citação transcrita em (19).

(19) *Deus! ó Deus!* onde estás que não respondes? (MESQUITA, 2009, p. 426).

Câmara Jr. (1970, p. 390), por sua vez, define o Vocativo como uma “enunciação em que se nomeia o ouvinte, para chamá-lo ou interpelá-lo”, como se vê no exemplo em (20), dado pelo autor.

(20) É horrível, *Zé Fernandes*, é horrível!! (CÂMARA JR., 1970, p. 390).

Segundo Agustini & Borges (2006, p.3), “o vocativo tem por função ‘interpelar’ o(s) interlocutor(es), daí a denominação oriunda do latim *voco*, derivado de *vocare*, que significa ‘chamar’”, conforme pode ser visto em (21).

(21) Bom dia, *Santidade* (AGUSTINI & BORGES, 2006, p. 7).

Como se vê, diferentes autores consideram Vocativos como elementos com a função de *chamar o interlocutor* (isto é, *invocar, interpelar*) – também para nós essa é a função característica dos Vocativos. É interessante observar, contudo, que nem sempre os autores chegam a explicar, mais detalhadamente, o que significa *chamar o interlocutor*, ou *por que o interlocutor é chamado*. Possivelmente, essa questão não chegue a ser tratada por ser tomada como óbvia, ficando sua resposta pressuposta no próprio sentido de *chamar o interlocutor*. Todavia, aqui, essa é justamente a questão central.

A nosso ver, o que o falante faz ao usar um Vocativo é chamar o interlocutor para, então, dizer-lhe algo, ou para direcionar a atenção do interlocutor para algo

que está sendo dito, ou que acaba de ser dito. Ou seja, chamar o interlocutor significa chamar sua atenção para o ato de interação verbal.

Com efeito, vários autores capturam essa ideia em suas concepções sobre Vocativo. Bueno (1968, p. 255) diz o seguinte: “Serve êste elemento, na frase, para *chamar, despertar* a atenção, dar mais vivacidade ao sentido do conjunto”. Para Macambira (1982, p. 352), o “vocativo assemelha-se ao imperativo [...] sob o aspecto interpelativo, pois ambos servem para interpelar alguém, isto é, *dirigir-lhe a palavra*”. Discutindo a natureza extra-oracional do Vocativo, Perini (1989) destaca que uma propriedade desse elemento é o fato de poder ser separado do restante da frase por uma mudança de interlocutor. Assim, o trecho em (22) pode ser segmentado como em (23).

(22) Graça, o telhado vai cair (PERINI, 1989, p. 140).

(23) \_ Graça!  
\_ O quê?  
\_ O telhado vai cair (PERINI, 1989, p. 141).

Para o autor (PERINI, 1989, p. 140), a pergunta “O quê?” “não é uma ‘interrupção’, porque *é consentida, talvez mesmo procurada pelo primeiro falante*” (grifos nossos). Para nós, essa análise de que a pergunta em pauta pode ser até mesmo procurada pelo primeiro falante indica a percepção do autor de que o Vocativo tem justamente a função de alcançar a atenção do ouvinte para com o ato de interação verbal. A propósito, o exemplo formulado em (23) é muito representativo do que entendemos ser a função essencial do Vocativo. De fato, parece comum o falante enunciar o Vocativo e, como mostra o exemplo, esperar uma confirmação explícita de alcance da atenção do ouvinte para, só então, dar prosseguimento ao discurso.

Na mesma direção, os elementos normalmente considerados como Vocativos são tratados por Dik (1997, p. 384) como um dos tipos de constituintes extra-oracionais responsáveis pelo *gerenciamento da interação*, isto é, constituintes que representam “estratégias para alcançar a atenção do interlocutor e assegurar seu desejo de participar do evento discursivo”.<sup>6</sup> Hengeveld & Mackenzie, por sua vez, (2008, p. 78) afirmam:

---

6 Cf. o original: “[...] strategies for getting A’s attention and securing his willingness to participate in the discourse event” (DIK, 1997, p. 384).

Os Vocativos constituem uma classe especial de [Atos Discursivos] Interativos. No início de um trecho de um discurso, esses Atos Discursivos servem para ganhar a atenção do Interlocutor; no decorrer do discurso, o uso de um Vocativo sinaliza a contínua orientação do Falante em direção ao Interlocutor.<sup>7</sup>

É, pois, nesse sentido que consideramos que os Vocativos podem/devem ser analisados como um dos tipos de elementos linguísticos que exercem a função “basicamente orientador [da interação]”. Retomando o exposto acima, essa função diz respeito à *obtenção e/ou à manifestação do envolvimento dos interlocutores com o ato de interação verbal*. Ao usar um Vocativo, o falante, dentre outras coisas, procura levar o interlocutor a prestar atenção no que será dito, está sendo dito ou foi dito, seguindo o princípio de que uma condição básica para a efetivação da interação é que o interlocutor esteja (minimamente) atento ao evento interacional. Ao fazer isso, o falante está justamente tentando *obter o envolvimento do seu interlocutor com a interação verbal*. Cid Uribe & Ortiz-Lira (1998, p. 144) referem-se ao Vocativo como “elemento altamente interativo no discurso”.

Naturalmente, chamar a atenção do interlocutor não é a única função que pode ser assumida por um Vocativo, o qual pode exercer, ao mesmo tempo, outras funções, de natureza interacional ou não. Uma das tarefas mais básicas dos Vocativos, frequentemente estudada e destacada pelos autores, é a tarefa de nomear (isto é, rotular) o interlocutor. O rótulo selecionado pelo falante está ligado a fatores de diversas ordens, como fatores sociais, interferentes, por exemplo, na seleção de Vocativos como “José”, “Sr. José”, “Professor”, “Professor Silva” ou “Cara”. Assim, os Vocativos, além do papel de interpelação, atuam no estabelecimento de relações sociais, na construção discursiva do referente etc.

Esse acúmulo de funções, no entanto, não compromete, de forma nenhuma, a função de chamar a atenção do interlocutor; como se sabe, a multifuncionalidade é uma característica de muitos (senão de todos os) elementos linguísticos. Além disso, a interpelação parece ser, na verdade, a função fundamental dos Vocativos. Todos os tipos de Vocativos interpelam o interlocutor, mas nem todos o nomeiam. Dentre outras possibilidades, um Vocativo pode ser constituído por uma partícula de natureza interjectiva, como em (24), ou por uma expressão nominal como em (25).

---

7 Cf. o original: “Vocatives constitute a special class of Interactives. At the beginning of a segment of discourse, these Discourse Acts serve to gain the Addressee’s attention; in the course of a discourse, the use of a Vocative signals the Speaker’s continuing orientation to the Addressee” (HENGEVELD & MACKENZIE, 2008, p. 78).



(24) *Hei, que horas são?*

(25) *Caro colega de departamento, uma nova reunião precisa ser agendada.*

Observe-se que apenas o Vocativo em (25) nomeia o interlocutor, porém os Vocativos nos dois exemplos cumprem a função de chamar a atenção do interlocutor. Nesse sentido é que a interpelação pode ser vista como a função essencial dos Vocativos (ou pelo menos uma das funções essenciais).

Uma propriedade fundamental dos Vocativos que evidencia sua função de chamar a atenção do interlocutor para o ato de interação verbal é o fato de esses elementos constituírem um tipo de Ato Discursivo *comunicativamente não-autônomo*, necessariamente. Ou seja, um Vocativo não é capaz de ser o único Ato de um evento comunicativo nem o único Ato enunciado por um falante em uma situação, precisando sempre acompanhar outro Ato, para o qual direciona a atenção do interlocutor. Em outras palavras, o Vocativo é um tipo de Ato Discursivo de natureza comunicativamente subsidiária. Trata-se de um comportamento diferente, por exemplo, do comportamento de Atos Discursivos Declarativos, Interrogativos, Imperativos, Expressivos e de certas modalidades de Atos Interativos. Os exemplos em (26)-(30) ilustram Atos destes tipos, respectivamente.

(26) O jantar está servido.

(27) Que hora são?

(28) Feche a porta.

(29) Droga!

(30) Com licença.

Cada um dos Atos em (26)-(30) pode ser o único Ato de toda uma situação de fala ou, pelo menos, o único Ato emitido por um mesmo falante. Isso, porém, não se verifica com os Vocativos. Ao emitir um Vocativo, o mesmo falante precisa, necessariamente, proferir, estar proferindo ou ter proferido outro Ato, justamente aquele para o qual o Vocativo chama a atenção do interlocutor.

Essa mesma propriedade de ausência de autonomia comunicativa é compartilhada pelos elementos linguísticos com função de Checagem, Re-

troalimentação, Injunção e Iniciação – os quais também correspondem a tipos particulares de Atos Discursivos. Observe-se que, em nenhuma situação comunicativa comum, faria sentido usar um Ato de Checagem isoladamente, sem que ele estivesse acompanhando um Ato (ou um segmento de um Ato) anterior proferido pelo mesmo falante. Um Feedback é justamente usado para indicar acompanhamento de outra fala. Atos de Injunção e Iniciação, dentre outras coisas, apontam para algo que vai ser dito.

Observe-se, por exemplo, que um Ato Imperativo formalmente equivalente a um Ato Injuntivo pode ocorrer sozinho em determinado contexto. Um interlocutor A pode perguntar a um interlocutor B sobre o resultado de determinado exame, e B, tendo o resultado do exame em mãos, pode simplesmente entregá-lo a A e dizer “Olha.” Ou ainda, numa situação em que duas pessoas estão trabalhando em uma mesma sala, uma delas pode dizer apenas “Olha.” e virar-se em direção à janela, referindo-se a algo curioso que esteja acontecendo do lado de fora. No entanto, a forma “Olha”, se planejada pelo falante como Ato Injuntivo, normalmente pressupõe alguma fala seguinte.

É possível a ocorrência de casos em que um falante enuncia um Injuntivo e não acrescenta nenhum Ato subsequente. Por exemplo, em contextos apropriados, um interlocutor A pode dirigir a B uma pergunta como “Você considera o José um bom professor?”, e B pode responder simplesmente com um Injuntivo como “Olha...”, pronunciado com certa entonação suspensa, querendo dizer, implicitamente, que José não é um bom professor. Embora situações como essa, de fato, ocorram, consideramos que elas não representam o uso típico de um Injuntivo. Além disso, o sentido produzido nesse uso particular do Injuntivo parece decorrer exatamente da omissão de algo que normalmente deveria ocorrer, isto é, o sentido implícito sugerido pelo uso isolado de “Olha...” seria resultante da ausência, por parte do falante que emitiu esse Ato, de uma continuação do texto, convencionalmente esperada. Portanto, para nós, a situação em pauta, em certo sentido, até corrobora o estatuto não-autônomo dos Injuntivos.

No mesmo sentido, os Vocativos, necessariamente, acompanham algum segmento textual. É difícil encontrar uma situação em que um enunciado, em termos comunicativos, sustente-se sozinho e ainda possa ser classificado como Vocativo. Pode-se imaginar um contexto em que, ao ver o filho pequeno fazendo algo errado, sua mãe repreenda-o apenas chamando-lhe pelo nome, num tom severo e reticente, querendo dizer, de forma implícita, que ele deve parar de fazer aquilo. De modo similar ao caso dos Injuntivos, entendemos que esse seja um uso particular. Ademais, não se trataria propriamente de um uso comunicativamente autônomo do Vocativo, mas um uso em que um segmento

textual esperado, para o qual o Vocativo apontaria, fica pressuposto no contexto. Trata-se, pois, de um comportamento que, em última instância, evidencia a característica do Vocativo de remeter a algum outro segmento do discurso.

A propriedade de ausência de autonomia-comunicativa, enfim, significa que os Vocativos são Atos de natureza subsidiária, voltados para outras partes do texto. É, assim, uma propriedade que reforça a análise dos Vocativos como unidades com a função de *chamar a atenção do interlocutor para o ato de interação verbal*.

Em síntese, ao destacar essa função dos Vocativos, procuramos mostrar aqui que esses elementos podem/devem ser analisados como representantes da função geral “basicamente orientador [da interação]”. Apenas por questão de adequação terminológica, sugerimos que a função interacional exercida pela classe dos Vocativos seja denominada de “Interpelação”, termo mais apropriado, a nosso ver, para designar uma função, reservando o termo “Vocativo” para designação gramatical, a qual coloca os elementos em questão como um tipo particular de Ato Discursivo, ao lado, por exemplo, de Atos Declarativos, Interrogativos, Imperativos, Expressivos etc. Assim, nossa proposta é que a função “basicamente orientador” seja entendida como abrangendo cinco subfunções: Checagem, Retroalimentação, Injunção, Iniciação e Interpelação.

Por fim, cabe destacar a relevância da discussão aqui esboçada para a análise de casos em que Vocativos atuam como MDs. Observe-se que, neste trabalho, analisamos *apenas uma das variáveis* utilizadas na caracterização de MDs, a variável “orientação da interação”, mostrando que os Vocativos manifestam o traço/função “basicamente orientador”. Contudo, a constatação de que os Vocativos apresentam esse traço/função é muito significativa para a análise desses elementos como MDs. Quando os Vocativos são tratados como elementos basicamente orientadores da interação, uma enorme variedade de Vocativos passa a apresentar uma combinação de traços que os habilita a serem classificados como MDs, tendo em vista a definição dessa categoria dada pela Gramática Textual-interativa.

Em (31), retomamos a combinação de traços definidores de MDs, apresentada acima em (4).

- (31) - sequenciador tópico + secundariamente ou fragilmente orientador da interação; ou não-sequenciador + basicamente orientador;
- sintaticamente independente;
  - exterior ao conteúdo;
  - comunicativamente não-autônomo;

- com pauta demarcativa;
- alta frequência;
- parcialmente transparente;
- até três sílabas tônicas.

Uma grande variedade de Vocativos (provavelmente a grande maioria), incluindo Vocativos como “Hei”, “Pedro”, “Caro amigo” etc., apresenta a seguinte combinação de traços: não sequenciador + basicamente orientador; sintaticamente independente; exterior ao conteúdo; comunicativamente não-autônomo; com pauta demarcativa; baixa frequência; totalmente transparente; até três sílabas. Trata-se de um conjunto de traços que desvia da combinação padrão dada em (31) em dois traços: baixa frequência e totalmente transparente. Ainda assim, expressões com essa configuração seriam MDs, já que o desvio incide sobre apenas dois traços. Seriam MDs não-prototípicos, mas ainda MDs. Se esses Vocativos fossem analisados como secundariamente ou fragilmente orientadores, e não como basicamente orientadores, eles extrapolariam o limite quantitativo de desvios para classificação como MDs, além de desviarem em traços pertencentes ao “núcleo piloto” definidor de MDs, e, portanto, não alcançariam mais o estatuto de MD.

Dessa forma, a constatação do estatuto “basicamente orientador” dos Vocativos tem repercussões decisivas sobre o rol de expressões específicas pertencentes à classe dos MDs. Além disso, ela permite propor os Vocativos como uma nova subclasse dentro da classe dos “MDs basicamente interacionais”, já que esta classe é composta justamente por MDs portadores do traço “basicamente orientador”.

## **Conclusão.**

Neste trabalho, procuramos mostrar que a Classe dos Vocativos integra o conjunto dos mecanismos linguísticos com função basicamente orientadora da interação. Pode-se dizer que este trabalho lidou com a pergunta “Quando uma expressão linguística deve ser analisada como manifestando o traço “basicamente orientador”?”. E a resposta aqui sugerida é que esse traço manifesta-se no caso de expressões com as funções de Checagem, Retroalimentação, Injunção e Iniciação, como já apontado por outros autores, e também no caso de Vocativos. Ao desenvolver essa discussão, esperamos contribuir não apenas para o estudo dos Vocativos, mas também, e principalmente, para um melhor entendimento da variável “orientação da interação” e do traço/função “basicamente orientador”

e, assim, para uma caracterização cada vez mais precisa e aprofundada da classe dos MDs da Gramática Textual-interativa.

Nosso empenho em aprimorar a concepção de MDs da abordagem textual-interativa e sua metodologia de análise não se deve à visão de que o tratamento de MDs dessa abordagem seja deficiente ou problemático. Pelo contrário, essa abordagem formula, a nosso ver, uma das definições mais completas de MDs, no sentido de ser projetada para identificar todas as expressões de uma língua capazes de funcionar como marcadores, e ao mesmo tempo uma definição altamente sofisticada, a qual integra diferentes aspectos do funcionamento de uma expressão e permite não só identificar MDs, mas também distinguir níveis de prototipicidade. Para nós, a pertinência teórica e o potencial descritivo da definição de MDs em pauta é que possibilitam e justificam a iniciativa de aprimorá-la e expandi-la.

Particularmente no âmbito da variável “orientação da interação”, dentre outros temas relevantes para pesquisa, podem ser destacados os seguintes: investigar o funcionamento de itens como “hein?” e “ahn?”, para verificar se eles se encaixam em alguma das subfunções basicamente orientadoras já distinguidas ou se eles representam uma subfunção particular; analisar mais especificamente a subclasse aqui definida como Iniciação, para identificar, de modo mais completo, os itens pertencentes a essa classe e para discutir mais detalhadamente o grau de orientação da interação dessa classe, bem como o local mais apropriado para seu encaixamento dentro da variável “orientação da interação”; analisar mais a fundo o traço/função “secundariamente orientador”, para propor uma tipologia de subfunções dessa natureza. Trata-se de temas que podem render pesquisas relevantes no âmbito da Gramática Textual-interativa e dos próprios estudos discursivos em geral.

## Referências bibliográficas.

- AGUSTINI, C.; BORGES, G. F. O vocativo no gênero textual tirinhas. *Anais do X Seminário de Iniciação Científica*. Uberlândia: EDUFU, 2006.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BUENO, F. S. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 7ª ed. São Paulo: Saraiva, 1968.
- CÂMARA JR., J. M. *Dicionário de Filologia e Gramática – referente à Língua Portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: J. OZON editor, 1970.

- CID URIBE, M. E.; ORTIZ-LIRA, H. La conducta prosódica del vocativo em el español culto de Santiago de Chile. *Onomazein*, v. 3, p. 143-162, 1998.
- DIK, S. *The Theory of Functional Grammar – Part 2: Complex and derived constructions*. 2ª ed. Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.
- FISCHER, K. Frames, constructions and invariant meanings: the functional polysemy of discourse particles. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 427-447.
- FRASER, B. Towards a theory of Discourse Markers. In: FISCHER, K. (Org.). *Approaches to Discourse Particles*. Amsterdam: Elsevier, 2006, p. 189-204.
- GONÇALVES, S. C. L. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): O português falado na região de São José do Rio Preto – constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo. São José do Rio Preto: UNESP, 2007 (Relatório FAPESP).
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar: A typologically-based theory of language structure*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008.
- JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- KURY, A. G. *Novas lições de análise sintática*. 5ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- MACAMBIRA, J. R. *A Estrutura Morfo-sintática do Português*. 4ª ed. São Paulo: Pioneira, 1982.
- MESQUITA, R. M. *Gramática da Língua Portuguesa*. 10ª ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- PENHAVAL, E. *Marcadores Discursivos e Articulação Tópica*. 2010. 168f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- PENHAVAL, E.; GUERRA, A. R. Considerações sobre a variável “apresentação formal” na caracterização de Marcadores Discursivos da Gramática Textual-interativa. *Revista Acta Científica (Patos de Minas)*, v. 3, n. 3, p. 283-296, 2011a.
- \_\_\_\_\_. A subfunção interacional de “Checagem” na Gramática Textual-interativa. *Revista Diadorim*, n. 10, 2011b (no prelo).
- \_\_\_\_\_. A distinção entre “sequenciamento tópico” e “sequenciamento frasal” na Gramática Textual-interativa. In: SOUZA, E. R. F. (Org.). *Funcionalismo linguístico: análise e descrição*. São Paulo: Contexto, 2012 (no prelo).

- PERINI, M. A. *Sintaxe portuguesa: metodologia e funções*. São Paulo: Ática, 1989.
- RISSO, M. S. Marcadores discursivos basicamente seqüenciadores. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 427-496.
- RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores Discursivos: traços definidores. In: KOCH, I. G. V. (Org.). *Gramática do Português Falado – v.VI: Desenvolvimentos*. 2ªed. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP, 2002, p. 21-94.
- \_\_\_\_\_. Traços definidores dos Marcadores Discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 403-425.
- SCHIFFRIN, D. *Discourse markers*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- URBANO, H. Aspectos basicamente interacionais dos marcadores discursivos. In: NEVES, M. H. M. *Gramática do Português Falado – v.VII: Novos estudos*. 2ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 195-258.
- \_\_\_\_\_. Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, p. 497-527.

Recebido em 4 de março de 2013.

Aceito em 5 de junho de 2013.